

Edição
Digital

Madre Francisca Lampel apóstata ou heroína?

Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição - FIC



Irmã Anna Carolina dos Santos (FIC)
FIC
Edição Digital





Autora: Ir. Anna Carolina dos Santos (FIC)

A autora é paulistana, pertence à Congregação Franciscana da Imaculada Conceição (FIC). A casa provincial no Brasil está sediada em Araraquara, estado de SP e a Casa Geral (Casa Mãe) em Graz na Áustria.

Sinopse: *Nesse livro Irmã Anna Carolina nos coloca diante dos ideais, carisma, abnegação, sofrimento, amor e heroicidade da Fundadora de sua Congregação Antonia Lampel, (Madre Francisca Lampel) austríaca, que por amor à sua Congregação renuncia e sai da Ordem, com o único objetivo de unir as Irmãs prestes a dispersar. Por cem anos ficou no anonimato até ter sua história resgatada e conhecida em vários continentes. A pedagogia de Madre Francisca estava centrada no Amor. Seu lema era: “**Viver no meio do povo em constante união com Deus**” que pode ser assim resumido: “**Doação e Serviço**” e soube adaptar a obra que fundou às necessidades de seu tempo.*

Uma explicação inicial

*Para o Homem — o Presente, o Passado e o Futuro.
Para Deus — a Eternidade.*

*Contar a você, uma história do século passado —
que lhe parece?*

*As coisas mudam a cada dia, tudo se renova. O pas-
sado não volta.*

— Será que isto sempre acontece?

*— Os fatos que marcaram época não estão ainda
hoje presentes em nosso espírito? E os homens que
fizeram história não vivem ainda em nossa memória e,
mais que isto, em nossos corações?*

*— Cristo, homem-Deus, é e será sempre uma pre-
sença viva no meio dos homens.*

— Francisco, o pobre de Assis (1182-1226), atraiu e continua atraindo milhares de seguidores.

— Joana d'Arc, jovem heroína francesa (1412-1431), acusada de feiticeira, condenada à fogueira como herege, solenemente reabilitada em 1450 e canonizada em 1920, continua viva entre nós e admirada por todos quantos compreenderam seu ideal.

— Gandhi, indiano (1869-1948) que lutou até a morte pelos direitos de seu povo, desenvolvendo uma política de resistência pacífica e de não-violência, jamais se apagará de nossa lembrança.

Madre Francisca Lampel, personagem de nossa história (1807-1851), como Joana d'Arc, por muito tempo deixada no anonimato, considerada apóstata, e hoje, reabilitada, será sempre lembrada com carinho, por todos que reconheceram nela uma presença de fé e coragem, um instrumento humilde nas mãos de Deus e que, por seu sacrifício supremo, salvou a congregação que fundara.

Assim, as grandes almas não morrem e quanto mais são de Deus — para quem “mil anos são como um dia e um dia como mil anos” e onde não há nem presente, nem passado, nem futuro — mais se tornam eternidade e em Deus são um eterno presente.

Apenas isto me parece suficiente para justificar o fato de, hoje, estarmos convidando você, caro leitor, para conhecer a vida de alguém que, embora lhe possa parecer tão distante, está ainda viva em nosso meio por seus ensinamentos e por seu exemplo de abnegação, amor e renúncia.

A Autora

“Crescei e multiplicai-vos”

Estamos em Fürstenfeld, terras austríacas, no ano de 1829. Tarde de verão; muito sol e muito calor, mas os campos estão ainda floridos, lembrando a primavera que há pouco se foi.

Dois jovens caminham pela estrada.

Conversam:

— José, há tempos somos amigos e, como todo amigo, gostaria de saber algo de sua família. Conte-me sua história e depois lhe contarei a minha.

José acedeu e começou:

— Meus pais foram Antônio Lampel e Antônia Kellner. Casaram-se em 1806. O matrimônio deles foi abençoado com numerosa prole. Não hesitaram em cumprir a palavra do Senhor na Bíblia: “Crescei e multiplicai-vos”. Minha irmã mais velha é Guilhermina; depois dela vieram Antônia Maria, Patrícia e Amália. A seguir, dois irmãos: Carlos e Heriberto. E finalmente eu, que não tive a felicidade de conhecer minha mãe, pois faleceu dias após meu nascimento, vítima de febre muito alta.

Uma lágrima rolou de seus olhos e, comovido, seu companheiro interfere:

— Quem é então D.^a Josefa? Não é sua mãe?

— Não; é minha madrastra, embora a consideremos como nossa mãe, pelo carinho que nos dispensa. Dois anos após a morte de minha mãe, meu pai casou-se novamente. Éramos todos pequenos e necessitávamos de alguém que cuidasse de nós. Deste segundo casamento nasceram Alexandre, Filipina e Antônio que,

como você sabe, não conheceu o pai, falecido antes de seu nascimento, vítima de tuberculose.

E uma nova lágrima rolou de suas faces.

Percebendo que estas lembranças faziam reviver a dor de José pela perda de seus entes queridos, o amigo interrompe:

— Basta por hoje, José. Já estamos chegando na encruzilhada. Amanhã você continua. Nunca pensei que sua história fosse marcada por acontecimentos tão tristes. Até amanhã!

— Até amanhã! Espero você aqui, na encruzilhada, como de costume.

A história continua

No dia seguinte, os dois amigos novamente se encontram.

— Olá, como passou?

— Bem. E você?

— Tudo bem. Estou curioso para saber algo mais sobre sua família.

Então José retoma a narrativa do dia anterior:

— Meu pai, que Deus levou tão cedo, procurou dar-nos esmerada educação. Minhas irmãs, além dos estudos normais, se dedicaram ao estudo de línguas, sobretudo francês e italiano; tiveram também excelente formação de artes. Minha irmã Antônia, por exemplo, fala o francês e o italiano tão bem quanto o alemão, entende de pintura, música, costura, arte culinária. Após a morte de meu pai, minha mãe tem-se dedicado

à nossa formação e é seu desejo que todos nos tornemos pessoas responsáveis e homens de valor.

— José, não há família que viva sem seus espinhos, mas onde há espinhos há rosas e o que posso perceber é que sua família é maravilhosa.

— Sim, sinto-me feliz em meu lar; tenho grande estima por todos os meus irmãos, sobretudo por Antônia, que me parece, apesar de sua timidez, feita para grandes coisas.

— Sabe que eu também já reparei isso nela? Parece muito dedicada e, por vezes, absorta em algum pensamento mais profundo.

— Estamos chegando. Na volta, inverteremos os papéis: você será o historiador; eu, o ouvinte.

Os dois se encaminham para as aulas e não mais se pode captar o seu diálogo.

Terão mudado o itinerário de volta?

A história da família Lampel, contudo, não se perdeu e nos revela que, no ano seguinte, no dia 4 de outubro de 1830, Deus chamou a Si o jovem José. Com apenas 15 anos de idade, vítima de tuberculose, como o pai, deixa os seus, exatamente 15 anos após a morte da mãe.

Nos anos que se seguem, os membros da família começam a se separar. Cada um buscando seu meio de sobrevivência.

Quatro dos irmãos Lampel vão para Graz: Heriberto trabalha como litógrafo, Antônia e Amália, e mais tarde também Filipina, são admitidas na Escola Particular, fundada e mantida por Anna Engel desde 1820. Era uma escola de renome e muito freqüentada, graças ao bom espírito de suas mestras.

O homem propõe e Deus dispõe

Em 1840, falece Anna Engel e o grupo de professoras se reúne para decidir quem ficará à frente da Escola. Fazem a proposta:

— Antônia, você tem competência para tal.

— Não; minha irmã Amália exercerá melhor esse cargo. Como professora continuarei dando tudo de mim para elevar o nome de nossa Escola.

Aceitam a idéia. Antônia, embora fosse a alma da Escola, era um tanto tímida, como já dissera seu irmão José, e preferia trabalhar no anonimato.

Ajudadas por suas companheiras, as irmãs Lampel conseguiram manter o nível da Escola. Ainda mais: fizeram de suas companheiras não apenas boas professoras e educadoras, mas souberam também atraí-las para uma vida piedosa. Todo grupo se filiou à Ordem Terceira Secular de São Francisco, pondo em prática o ideal franciscano, em particular, seu amor à pobreza.

As horas de sofrimento são as horas de Deus

Nessa época, a Áustria era ainda dominada pelo “josefinismo”; a Igreja vivia sob a tutela do Estado; o espírito naturalista imperava; Associações e Irmandades religiosas se dissolviam; entre o clero, muita negligência e relaxamento; entre o povo, a descristianização.

Mas, as horas de sofrimento são também horas de Deus, horas de purificação, de crescimento no vigor.

Por isso, nem tudo foi negativo nesse período. Data dessa fase uma grande preocupação com a educação, não só para uma pequena parte privilegiada da popula-

ção, mas a educação para todos. E a Igreja viu nisso um meio para educar na fé as novas gerações e recristianizar a família pela formação da juventude feminina.

Desde 1823, era bispo de Seckau, com residência em Graz, D. Romano Sebastião Zängerle. Antigo religioso beneditino, tudo fez para promover a renovação religiosa de sua diocese. A seu convite, várias Ordens e Congregações religiosas vieram fixar residência nela.

Um grande problema, no entanto, ainda o afligia: a educação da juventude, sobretudo das moças de classe média e pobre com as quais nem o Estado nem o município se preocupavam.

Em 1840, com o intuito de sanar esse problema, visita a Escola Particular onde Amália é Diretora.

A proposta de D. Zängerle

Nessa visita, o prelado procura se inteirar da maneira como vivem e trabalham essas jovens.

Antônia toma a palavra:

— Somos todas membros da Ordem Terceira Secular de São Francisco. Estimamos a pobreza franciscana e nos colocamos a serviço dos mais necessitados.

— Vivemos vida em comum e nos contentamos com o necessário para o nosso sustento — acrescenta Amália.

— Abrigamos meninas pobres e, na Escola, o número de alunas gratuitas é bastante grande — completa Filipina.

Paulina declara:

— Com as irmãs Lampel aprendemos a servir a Deus através dos nossos irmãos mais humildes e carentes. E nesse serviço encontramos nossa realização.

D. Zängerle não quis ouvir mais. Era justamente uma congregação religiosa com esse espírito que procurava e viu, nesse grupo de jovens idealistas, as pessoas indicadas para a execução do seu projeto.

— Queridas jovens — começa ele —, estou hoje aqui para lhes fazer uma proposta: nossa diocese necessita de um Instituto religioso que se dedique justamente a um trabalho como o de vocês. A vida que levam já é vida religiosa. Precisamos, apenas, dar a ela o aspecto legal. Será necessário que duas de vocês se disponham a ir para Munique a fim de lá fazerem o seu noviciado num Instituto religioso. Retornarão a Graz, como religiosas, tão logo termine o período de formação. E, uma vez aqui, darão continuidade a esta obra de Deus.

Amália prontamente se decide:

— Eu poderei ir.

Outra companheira também se oferece.

O bispo se comove. Seu sonho parecia prestes a se realizar.

Feitos os preparativos necessários, partem para Munique no outono de 1840. Lá, junto às irmãs de Notre-Dame, deveriam fazer o postulante e o noviciado.

As obras de Deus amadurecem nas provações

A hora de Deus, porém, não havia ainda chegado. Três meses após a chegada das duas jovens a Munique, tiveram que retornar, adoentadas. Não se sabe se

o clima ou a mudança de ambiente concorreram para isso. Estavam decididas a voltar assim que se restabelecessem. No entanto, a moléstia de ambas se agrava. A companheira de Amália sucumbe à doença e meses mais tarde, na primavera de 1841, Amália, que não mais se refez com a perda da companheira, também falece.

A dor, naquele pequeno grupo, pela perda de colegas tão dedicadas, foi imensa. O sofrimento de Antônia, sobretudo, foi grande com o vazio deixado pela irmã. Como a Virgem de Nazaré, porém, guardava todas essas coisas em seu coração. E as meditava...

Com a morte das duas, parecia desfazer-se os anseios do prelado. Para Deus, todavia, esses acontecimentos serviriam apenas para tornar mais vigorosa a obra que, dentro em breve, nasceria.

Que barreiras o coração não rompe?

Na ausência de Amália, sua irmã Antônia dirigiu a escola, assumindo-a, em definitivo, após sua morte.

Antônia, sempre silenciosa, sempre à disposição quando dela precisavam, toma a si o plano do bispo. Ninguém mais do pequeno grupo tinha coragem de viajar para Munique.

Mas para quê? Não eram já suficientes? Seis jovens, filhas entusiastas de S. Francisco, não tinham, afinal, vivido há anos uma vida religiosa?

Faltava apenas a aprovação eclesiástica e formariam um convento em regra: teriam vida em comum, rezariam e trabalhariam unidas pelo mesmo ideal.

Antônia está convicta de que é chegado o momento de Deus. Sai de seu retraimento, reúne as companheiras e, com firmeza, expõe-lhes seus planos:

— Desde a morte de minha irmã tenho refletido muito sobre nossa vida e o desejo de D. Zängerle de ter em sua diocese uma Congregação que se dedique à juventude feminina da classe média e pobre. Creio que é chegada a hora de executarmos esse seu anseio. Que acham? Porventura já não vivemos vida religiosa?

— Nós também pensamos assim. Vá ao Sr. Bispo e exponha-lhe nosso desejo.

— Será necessário fazer-lhe um pedido por escrito que lhe servirá de documento para conseguir aprovação junto à Santa Sé e às autoridades civis.

— Sim, você poderá fazê-lo e nós o ratificaremos. Antônia concordou.

Nasce assim a *Magna Charta* da Congregação onde Antônia expõe o projeto da fundação de uma Comunidade religiosa, os princípios que norteariam a vida das Irmãs, bem como os Estatutos do novo Instituto.

Faz também um resumo histórico de suas atividades até o momento e a repercussão que sua escola tinha na sociedade.

Magna Charta

Em 27 de setembro de 1841, Antônia se apresenta a D. Zängerle. Levava nas mãos o pedido de fundação (*Magna Charta*) e, no coração, alimentava a esperança de, brevemente, juntamente com suas companheiras, através de uma vida consagrada, ser toda de Deus e em Deus se dedicar inteiramente ao serviço dos irmãos.

O bispo lê todo o documento, de várias páginas, e, ao terminar, exclama:

— Estou encantado! Finalmente espero realizar meu intento, por seu intermédio. Darei os passos necessários para obter a aprovação da Igreja e das autoridades civis. Os Estatutos estão prontos, basta apenas dar-lhes forma jurídica que, de bom gosto, o farei.

Os Estatutos são aprovados pela Santa Sé

Em se tratando de um novo Instituto, era de praxe, na época, que uma vez estabelecidos os Estatutos, fossem estes, durante um determinado período, colocados em experiência. Só depois Roma daria sua aprovação definitiva.

No caso do nosso Instituto, houve algo de surpreendente: após redigi-los, D. Zängerle os submete à apreciação do papa Gregório XVI, que os aprova em 15 de julho de 1843.

Foi um acontecimento inédito, considerando-se que, para tal aprovação, Roma exigia: votos solenes, recitação do Ofício Divino, clausura rigorosa, renúncia ao direito de propriedade, hábito religioso.

Contrariando a tudo isso, Antônia Lampel propunha para seu Instituto um estilo de vida inteiramente diferente: “Seguindo, há muito, a Regra da Ordem Terceira Secular de São Francisco, ela e suas companheiras desejavam levar vida em fraternidade, com votos simples, exercitar-se na contínua união com Deus, porém, sem a obrigação do Ofício Divino, guardar relativa clausura, conservar o direito de propriedade, colocar todos os seus bens em comum, viver do próprio trabalho, dedicar-se à educação da juventude, usar traje simples, pobre, e uniforme à semelhança das pessoas humildes do tempo para não chamar a atenção.

Era um caminho novo que se abria dentro da vida religiosa e cujo segredo estaria na doação e no amor gratuito e desinteressado.

A fundação se concretiza

29 de setembro de 1843. Festa de São Miguel. Antônia e suas companheiras estavam radiantes.

Este seria o dia da fundação do novo Instituto. As seis jovens ingressariam no noviciado. Seria o início de sua vida religiosa. A solenidade teve lugar na capela das Irmãs de São Vicente de Paula.

Após o Evangelho, o momento tão esperado: as seis jovens, uma a uma, ouvem do prelado seu nome religioso, como a partir daí seriam chamadas: Antônia Lampel — Ir. Francisca; Amália Stieber — Ir. Elisabeth; Paulina Posch — Ir. Romana; Filipina Lampel — Ir. Rosa; Maria Schwarzl — Ir. Michaela; Maria Beckert — Ir. Serafina.

As primeiras sementes estavam lançadas. Cada uma teria a sua história. Ir. Francisca, a Fundadora, no seu íntimo se entrega a Deus totalmente. Teria, nesse instante, pressentido que o Senhor exigiria dela mais que a própria vida? Ela, contudo, estava pronta, embora, como Maria ao dar o seu “Sim”, talvez não imaginasse a profundidade desse seu ato.

“Se o grão de trigo caído na terra não morrer, não produzirá frutos, mas, se morrer, dará muitos frutos.”

Irmãs das Escolas

A nova comunidade passou logo a ser conhecida como *Irmãs das Escolas*. Residiam num prédio da Rua

Neuthorgasse, 395, onde já funcionava desde 1820 a Escola Particular, e que agora se tornaria o berço da nova Fundação. A casa fora adquirida em julho de 1843 por Antônia Lampel.

A fim de iniciar as novas religiosas na vida monástica, o Bispo pediu duas Irmãs de Kaltern, no Tirol: uma para mestra de noviças e outra para atuar como Superiora. As duas permaneceram na Comunidade de outubro de 1843 a junho de 1844.

Isso contrariava o parecer de Fr. Aloísio Gopp, Guardiã dos franciscanos, a quem o Bispo havia deixado a orientação espiritual da nova Fundação de Graz, pois via nela um estilo diferente de vida religiosa, que fugia aos moldes tradicionais da época, e a presença das Irmãs do Tirol poderia gerar confusão de idéias.

Ir. Francisca, todavia, obediente e silenciosa, mais uma vez se submeteu à decisão do prelado.

Na escola, continuou com o cargo de Diretora.

Os cidadãos de Graz, por sua vez, manifestaram sincero regozijo pela Fundação. Mandaram suas filhas em tão grande número que logo a casa tornou-se pequena. Era necessário adquirir uma outra, o que só se conseguiu graças à ajuda do Bispo. A casa adquirida era velha e precisava de reformas, mas todas se esforçavam para levar adiante a obra iniciada.

Deus colhe a primeira semente

A vida das Irmãs nos primeiros tempos era de extrema pobreza. Viviam, porém, na mais autêntica alegria franciscana. A meditação diária, o diálogo com Deus na oração lhes dava, a cada dia, nova força e as mantinha unidas entre si e no trabalho com as crianças.

Isto tudo, porém, não impediu que uma delas, Ir. Michaela, com apenas 29 anos de idade, caísse doente e fosse arrebatada do meio de suas companheiras no dia 11 de maio de 1844. Era a primeira semente que Deus, tão cedo, colhia nesse novo jardim franciscano. Lá do céu, ela velaria por aquelas que deixou na terra.

Primeiros votos

Findo o ano de noviciado, as cinco Irmãs professam por três anos os votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Este ato ratificava, publicamente, a entrega total de suas vidas a Deus e as tornava, diante da Igreja e do mundo, almas consagradas. Como Maria, diante do mistério da Encarnação, exclamam: “Minha alma engrandece ao Senhor e exulta meu espírito em Deus, meu Salvador”.

Madre Francisca

29 de outubro de 1844. D. Zängerle reúne a pequena comunidade.

— Como superior eclesiástico, cabe-me o direito de nomear a primeira superiora geral do Instituto. Ela será nomeada por três anos e no próximo triênio, vocês mesmas elegerão a nova superiora.

— E quem Vossa Excelência pensa em nomear?

— Creio que a primeira superiora deva ser Irmã Francisca, a alma dessa Fundação.

Todas exclamam:

— É com alegria que recebemos esta nomeação.

Satisfeito, o bispo conclui:

— Então, a partir de hoje, Irmã Francisca receberá o título de “Madre”.

Ir. Francisca, agora Me. Francisca, contava 37 anos e tinha suficiente critério para compreender essa nomeação e a necessária humildade para servir em obediência suas co-irmãs.

Fez suas, as palavras do salmista: “Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nEle e Ele tudo fará”.

“A caridade não precisa de lei”

A Comunidade possuía apenas uma cópia da Regra da Ordem Terceira. Os próprios Estatutos eram breves e escritos à mão e nem todas tinham exemplar próprio. No entanto, não sentiam a falta de normas escritas.

O exemplo de Me. Francisca, sempre sorridente, tranqüila e feliz na vocação, mostrava às Irmãs, com segurança, o caminho a seguir e lhes transmitia o entusiasmo necessário para a vida de pobreza e renúncia que levavam.

A jovial atitude de S. Francisco para com a pobreza havia, há muito tempo, fascinado Me. Francisca. Bastava um olhar para Francisco para saber como proceder em cada caso. E não foi o próprio S. Paulo quem afirmou: “A caridade não precisa de lei?”.

Me. Francisca conhecia e prometera observar a Regra aprovada por Leão X, enriquecida por Gregório XVI com normas para a vida religiosa comum. Porém, no que tocava à pobreza e à caridade com que devia servir a Deus no outro, não precisava consultar a Regra.

Sabia, outrossim, defender as Irmãs, calma e decididamente, diante de ataques injustificados. Quando

surgia algum problema, procurava resolvê-lo com bondade. Dava, às faltosas, sábios conselhos, demonstrando nisso seu grande talento de educadora.

Em toda parte estava presente e disposta a cooperar. Era boa e maternal com as Irmãs. Tinha um coração que amava.

Em Algersdorf

Estamos no ano de 1846.

O crescente número de alunas, principalmente pobres, bem como o aumento de membros na Congregação tornavam cada vez menor o espaço que tinham para suas atividades e moradia e trazia dificuldades na manutenção das obras e sustento das religiosas e internas.

Me. Francisca percebe a necessidade de se conseguir um novo local para as Irmãs e alunas. Chama sua assistente:

— Irmã, tem idéia de algum local onde nos poderemos estabelecer?

— A senhora tem algum em mente?

— Estava pensando em adquirirmos um terreno que conheço em Algersdorf. Ali há uma pequena casa onde se pode formar uma pequena comunidade. Como só poderemos pagar alguns empregados, as noviças ajudarão nos trabalhos do campo e da horta. Será um meio para garantirmos melhor o nosso sustento e das internas.

— E nos feriados, as Irmãs que trabalham na Escola bem como as alunas poderão ir para lá gozar do ar livre e se refazer de suas atividades.

Assim nasceu a Comunidade em Algersdorf. Na época, ficava fora da cidade. É aí que no governo de Me. Inês, sucessora de Me. Francisca, começaria a construção da Casa-Mãe do Instituto e onde até hoje está a sede geral da Congregação.

Os trabalhos da nova casa eram bastante pesados. Além do serviço no campo, as Irmãs instruíam meninas pobres da redondeza. Tudo, porém, se fazia com entusiasmo e alegria. Não eram, porventura, filhas de S. Francisco, assemelhando-se a ele pelo trabalho manual que ele praticara e recomendara? E quando viam o sorriso animador da venerável Madre, que as acolhia com solicitude, todo cansaço era esquecido.

Nas horas de desânimo, recordavam-se das palavras da Fundadora: “O amor age com liberdade; não pode ser comandado ou imposto. Não quero coação e sim uma opção constantemente renovada”.

“Estaremos prontas para tudo que a Igreja nos pedir”

Me. Francisca em pouco tempo ficou conhecida de seus contemporâneos e gozava de grande reputação. Muitos vinham a ela pedir conselhos.

Em Viena, a Condessa Auersperg fundara uma comunidade religiosa para cuidar de doentes. De pouca experiência prática, freqüentemente recorria à sua amiga, Me. Francisca.

A Condessa admirava a simples religiosa de Graz e lhe propôs, um dia:

— Madre Francisca, não seria possível fundir as duas Comunidades?

Prudente e decidida ao mesmo tempo, prontamente responde:

— Para tal será necessária a aprovação das autoridades eclesiásticas. Fomos reunidas para uma fundação que se destina às escolas, em primeiro lugar. Contudo, estaremos prontas a nos dedicar a qualquer outra obra se a Igreja no-lo pedir.

A fusão não aconteceu, mas esta passagem nos mostra o espírito aberto de Me. Francisca e um modo de ser ainda não compreendido naquele tempo.

“O Espírito do Senhor me escolheu e me enviou”

Desde logo, se percebeu que o espírito e a obra de Me. Francisca respondiam aos anseios do seu tempo. Provam-no várias solicitações de outras dioceses e fundações que se inspiraram nas orientações da Fundadora, quer tomando seus Estatutos por modelo, quer enviando seus membros para fazerem o noviciado em seu Instituto.

Assim, Fr. Teodósio, ao pensar em fundar as Irmãs de Santa Cruz buscou orientação em Graz. O abade Sebastião Schwarz pediu Irmãs para Vöcklabruck. De Hirschau, na Boêmia, foram jovens para fazer o noviciado em Graz e de Sigmaringen, postulantes para um estágio. À Fundação de Trübau (Morávia), Me. Francisca enviou os Estatutos.

Nos anos que se seguem, tais pedidos continuam, mesmo após sua morte. Os ideais de Me. Francisca ultrapassam fronteiras e a ela podemos atribuir as palavras do salmista: “O Senhor me escolheu e me enviou para anunciar a boa nova aos povos e proclamar as suas maravilhas entre as nações”.

Um dia de festa

Outubro de 1847. O Instituto das Irmãs das Escolas está em festa. Irmãs, noviças, juvenistas terminam os últimos preparativos. É que, pela primeira vez, a Comunidade elegeria sua Superiora. Ninguém punha dúvidas: Me. Francisca seria eleita. E o foi por unanimidade.

Todas se aglomeram em torno dela. A felicidade se estampa em todos os rostos.

Me. Francisca toma a palavra:

— Queridas Irmãs, vosso amor e vosso afeto me comovem profundamente. Tenho consciência de minha fraqueza. Deus, porém, em sua onipotência saberá supri-la. Se Cristo for o centro de nossa vida e soubermos servi-lo em nossos irmãos, nossa união será cada vez maior e nada deveremos temer. Hoje é um dia especial. Vamos comemorá-lo com muita alegria.

Assim teve início o segundo triênio do governo de Me. Francisca o qual, no entanto, não se passaria mais na relativa calma do primeiro. Seria repleto de provas. Nuvens negras surgiam no horizonte. A *via crucis* de Me. Francisca iria começar e só terminaria no alto do Calvário.

Como Cristo, estaria pronta para dizer: “Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade?”.

“Se a senhora ficar, eu ficarei também”

Março de 1848. A revolução explode na França e se prolonga até a Áustria. A cidade de Graz vive dias angustiantes.

Irmãs e noviças estão reunidas.

Ir. Inês está com um jornal nas mãos.

— Irmãs, por favor, ouçam esta notícia: “As nossas escolas primárias, mais do que qualquer outra instituição deste vasto império, ainda se encontram oprimidas pelo pesado jugo do clero que é orientado pelos jesuítas e, sob sua direção, educandários femininos e masculinos pervertem a razão e a verdade. Para curar radicalmente este mal... digne-se o nobre governo fazer com que os institutos abaixo assinalados sejam abolidos e seus bens confiscados”.

E mais abaixo: “Devem ser suprimidas as Irmãs das Escolas, as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus..., que deturpam o coração e a alma das meninas... formando bestas ou servas da Igreja”.

— Meu Deus! Que horror! Que será de nós?

— Este é o abaixo-assinado que a população dirigiu ao governador.

— Eles hão de nos suprimir realmente? Para onde iremos?

— Em Viena, os jesuítas e redentoristas já foram expulsos. Com certeza, os moradores de Graz não ficarão atrás.

Me. Francisca toma a palavra:

— Hoje estive com o Sr. Bispo. Ele está muito preocupado, mas está firme. Apesar disso, é de opinião de que não nos devemos expor ao perigo. Portanto, deixo a cada uma a liberdade para retornarem às suas famílias, pelo menos enquanto reinar a desordem. Esta revolução desaparecerá, como aconteceu com todas as outras da história do mundo.

— E depois que tudo se acalmar, poderemos voltar?

— Naturalmente.

— Voltar? Mas . . . , para onde? Que farão de nossa casa enquanto estivermos ausentes?

— Com ela, nada haverá de acontecer. Tenho confiança em Deus. Ficarei aqui para guardá-la.

— O quê? A senhora ficará, Madre Francisca?

— E se os revolucionários lhe fizerem mal?

— Estou nas mãos de Deus. Ele saberá como agir e qual o melhor para nós.

Silêncio. Após breves instantes, Ir. Isabel diz:

— Se a senhora ficar, eu ficarei também.

E, uma a uma, todas vão dizendo:

— Eu também, eu também ficarei!

Me. Francisca se comove e responde:

— Pensem com tranqüilidade. Se assim o decidirem, por livre vontade, podem ficar. Deus nos protegerá. Apenas as noviças que vieram de longe devem partir. Não podemos expô-las a tão grande perigo.

— E quando tudo se acalmar, nos receberá novamente?

— Sim, certamente. Mas agora é necessário ir. Deus as abençoe.

“Há um pouco de sopa quente?”

Dias depois, a Comunidade está reunida para o almoço. Fora, barulho.

— O que será isto?

— Hoje o povo está percorrendo as ruas.
— Já fizeram inúmeros assaltos.
— Que será de nós?
— Ainda bem que as juvenistas foram para Algersdorf. Lá estarão mais seguras que aqui.

O barulho aumenta. Todas estão nervosas. Ninguém tem coragem de comer.

De repente, um barulho infernal. Batem. Vociferam.

— Abram a porta ou nós a arrombaremos.

— Meu Deus!

Me. Francisca, decidida, dirige-se à porta.

As Irmãs gritam:

— Que vai fazer?

Ela, sem hesitar, abre a porta. Homens entram em desordem. Com voz firme, pergunta:

— Que desejam os senhores?

Todos ficam perplexos, parados. Finalmente, um deles, já habituado a pedir a sopa dos pobres, balbucia:

— Há um pouco de sopa quente?

Me. Francisca se apressa em lhes levar a sopa que as Irmãs, de medo, não haviam tomado.

E os homens se foram, recomeçando a gritar com mais força pelas ruas.

Passado o susto, agradecem a coragem de Me. Francisca e a Deus que, naquele dia, olhara com benevolência para suas servas:

“Bendito seja o Senhor Deus de Israel porque visitou e libertou seu povo...
Sol nascente que nos veio visitar...
E guiar nossos passos nos caminhos da paz”.

E o eco de suas vozes vai-se perdendo no barulho da multidão.

Um duro golpe

Não bastassem as agitações revolucionárias, mais um duro golpe atinge Me. Francisca:

Em abril de 1848, morre D. Romano Sebastião Zängerle. Fica muito abatida por estar agora sozinha, sem o apoio do prelado. Os cuidados e sacrifícios dos primeiros anos não a abalaram tanto quanto esta perda. Este golpe tornou-se ainda mais grave pelo fato de que o padre franciscano que havia dirigido a vida espiritual da Comunidade, desde o início, foi substituído por outro, vindo do Tirol, que não havia conhecido D. Zängerle.

As fadigas do corpo e os sofrimentos da alma acabaram por minar a saúde da Me. Fundadora. Sem dúvida, a tuberculose que dizimava os lares pobres e também a casa das Irmãs — que devido à afluência de crianças e juvenistas se comprimiam cada vez mais — também a atacou. Este flagelo escolhia suas vítimas todos os anos, principalmente entre as mais jovens. Não era de se admirar que também Me. Francisca, que delas cuidava como verdadeira mãe, fosse presa desse mal.

Tudo isto se deu na mesma época e a crise era inevitável.

A hora das trevas

— Onde está Irmã Josefa?

— Não sei; deve estar por aí. O que sei é que hoje chegou tarde à oração.

— É surpreendente. Ultimamente, tantas Irmãs têm chegado tarde à oração.

— Ultimamente, quer dizer, depois que a Madre adoeceu.

— Isto não é vida monástica. Muita coisa não anda em ordem em nosso convento.

— Frei Panfilli também já disse; ele está admirado...

— Admirado de quê? Não sei que idéia ele faz das religiosas.

— Não rezamos o ofício em comum; não temos votos perpétuos...

— Por que devemos trabalhar no campo? No Tirol, isto não acontece.

— Numa comunidade deve haver um regulamento rígido e penalidades para quem não o cumprir.

— Se nossa Madre não estivesse tão doente, nada disto estaria acontecendo!...

Diálogos como este começaram a se repetir, normalmente apoiados por Ir. Inês, vinda do Tirol.

Quando Me. Francisca estava presente, tudo ia bem e mesmo Ir. Inês parecia aceitar as idéias da Fundadora, mas, na sua ausência, procurava incutir nas companheiras sua maneira de pensar.

Dissemos, anteriormente, que Fr. Aloísio Gopp, Guardião dos franciscanos, desaconselhara ao Bispo a

vinda de Irmãs do Tirol para iniciar a nova Comunidade na vida religiosa, temendo confusão de idéias. Porém, não foi ouvido. As duas Irmãs que vieram, tiveram pouca influência sobre as noviças, mas o mesmo não aconteceu com as juvenistas, mormente com Maria Pfund (agora Ir. Inês) e Maria Neumer (Ir. Antônia), ambas vindas do Tirol, como juvenistas, com as Irmãs de Kaltern.

Assim Ir. Inês, cheia de entusiasmo e presa ao tipo de vida religiosa que conhecera no Tirol, queria, a todo custo, implantá-lo na Congregação.

Me. Francisca percebia tudo isto e sofria; e quanto!... Doente, não podia dar assistência às Irmãs como antes e as divergências surgidas entre elas incutiam desânimo sobretudo naquelas que queriam viver o espírito da Fundadora.

Uma cisão se fazia pressentir na família religiosa e, vendo que a saúde lhe faltava, Me. Francisca decidiu-se a pedir demissão. Mas o Vigário Geral que governava a diocese durante a vacância ordenou-lhe que ficasse no cargo até as próximas eleições, que deveriam ser feitas em outubro daquele ano (1850).

As eleições

30 de outubro de 1850. As Irmãs estão reunidas para a eleição da Madre.

Nos rostos, indecisão, temor, perplexidade.

— Este escrutínio foi também sem resultado. Devemos passar a uma nova votação.

— Pela sétima vez.

— Não há outro meio. Mas agora só poderão votar nas duas que obtiveram maior número de votos: Madre Francisca e Irmã Inês.

Me. Francisca permaneceu calma. A sua decisão já tinha sido tomada. Ir. Inês é eleita com a diferença de apenas um voto sobre a Fundadora. Esta seria sua Assistente.

Me. Francisca é a primeira a saudar a nova Madre.

— Deus vos abençoe. Prometo-vos dedicação, amor e obediência.

E dirigindo-se às Irmãs que continuavam imóveis:

— Vamos! Aproximem-se. Saúdem a recém-eleita. Ela será para nós a representante de Deus.

As Irmãs, ainda hesitantes, saúdam-na, prometendo-lhe fidelidade.

Novos rumos

Me. Inês, ainda jovem (tinha apenas 30 anos), era zelosa e bem intencionada; nada permite duvidar de sua sinceridade, porém, carecia de prudência e profundidade de espírito, apegada que estava à rigidez disciplinar. Pretendia para o Instituto uma reforma radical:

— o Instituto seria submetido à jurisdição dos franciscanos;

— as Irmãs fariam votos perpétuos, não teriam mais direito de dispor de seus bens, rezar-se-ia o Ofício em coro, seriam feitos novos Estatutos semelhantes aos das Irmãs do Tirol.

Como Me. Inês não confiava no espírito, preferiu multiplicar as palavras: surgiram prescrições minuciosas e penitências severas para toda transgressão.

Toda essa inovação, em vez de acalmar os ânimos e reduzir a oposição, provocou o contrário. Sobretudo as Irmãs mais antigas, que conheceram os primeiros anos da Fundação, muito sofriam com isso.

Me. Francisca, no seu leito de dor, sofria com esses acontecimentos, vendo desmoronar-se o verdadeiro espírito religioso da Congregação que fundara. Todavia, se esforçava para convencer as descontentes a aceitar as novas diretrizes. Um dia, Deus haveria de mostrar o verdadeiro caminho.

Uma ordem dolorosa

Princípios de 1851. Inverno.

As montanhas estavam cobertas de neve e os dias eram ainda tristonhos e frios. No céu cinzento, só vez ou outra o sol rasgava a amplidão do espaço.

Me. Inês reúne a Comunidade. Quer falar. No ar, paira inquietude, nostalgia.

— Irmãs, quero adverti-las novamente. Todas conhecem nossa situação. Frei Panfilli e eu temos nos esforçado ao máximo a fim de transformar nossa Comunidade numa verdadeira família religiosa. No entanto, noto ainda muito descontentamento, muita hesitação. Infelizmente, constatei que essa inquietação é causada pela influência que exercem as freqüentes visitas ao quarto da Madre Francisca. Estas visitas precisam terminar.

— Por favor, entendam o que nossa Madre quer dizer, acrescenta Irmã Benedita.

— Mas, nós precisamos de alguém para nos animar em nossa vocação, nos ajudar a ser fiéis, diz Irmã Rosa.

— Não, Irmãs. Este estado de coisas não pode continuar e de hoje em diante, com exceção de Irmã Gabriela que é sua enfermeira, todas estão proibidas de visitar Madre Francisca, sob pena de severas penitências.

— Pelo amor de Deus! Isto não pode ser verdade.

— Sei que é uma ordem dura, mas deverá ser cumprida.

As Irmãs se afastam tristes e inconformadas. Lá fora, o sol se escondia parecendo compartilhar a dor que ali reinava.

Estando a sós com Me. Inês, Ir. Benedita, embora apoiasse suas idéias, observa:

— Perdoe-me, Mãre, mas desta vez a senhora foi longe demais. Esqueceu-se que Madre Francisca é nossa Fundadora e tem se esforçado para conseguir a união da Comunidade?

— A senhora também está afrouxando? Precisamos ser firmes se quisermos conseguir algo. A mim também não foi fácil segurar a voz do coração.

— Então acha que não devemos atender a voz do coração? Queira Deus que tenha razão.

Mais uma luz se apaga

Me. Francisca está só em seu quarto. Há dias ninguém a visita. Apenas Ir. Gabriela lhe presta os cuidados necessários. Cada dia se sente mais fraca, mais só.

De repente, batem à porta. Uma noviça entra e, atrás dela, outras duas.

— Como está? Aceita esta maçã e estas florzinhas de inverno?

— Deus lhes pague. Estou bem. E vocês como se sentem?

— Não temos mais alegria.

— E qual a causa de tamanha tristeza?

— Irmã Mestra está com os olhos vermelhos de tanto chorar. Não temos mais liberdade para nada. Madre Inês é tão diferente da senhora!...

— Não falem assim. Ela tem muitas preocupações. E o bom Deus merece que aceitemos os acontecimentos com amor.

— O bom Deus... Será que Ele aprova o que está acontecendo?

— Acontecendo? Nos últimos dias tenho estado muito sozinha. As Irmãs devem estar bastante atarefadas e não acham tempo para vir até aqui.

— E nós? Nós também não devíamos ter vindo.

— Por quê? Não têm licença para visitar uma doente?

— Fomos todas proibidas.

Me. Francisca estremece e diz de si para si:

— Ah, sim!... Agora entendo...

E refazendo-se, volta-se para as noviças:

— Se vocês não têm licença, não devem mais vir aqui. A nossa vocação exige, muitas vezes, sacrifícios que não compreendemos. Um dia, na eternidade, veremos tudo isso claramente. E agora, é melhor que se retirem.

— Poderemos voltar?

— Não; enquanto a ordem não for mudada. Permanecemos unidas em pensamentos e orações. Deus as abençoe.

Mais uma luz se apaga no coração da Fundadora. Seria este o último sacrifício que o Senhor dela exigiria?

Estará ela preparada para uma oblação maior?

O abandono da Cruz

Ir. Gabriela arruma o quarto da doente. Vendo flores em seu criado, pergunta:

— Quer que as tire? Podem lhe fazer mal.

— Não! Gosto tanto de flores. Foram trazidas pelas Irmãs Ambrósia, Filipa e Delfina. Ao vê-las entrar me senti tão satisfeita, mas sabendo que vieram sem licença, lhes pedi que não mais agissem assim.

— Não; elas não mais o farão. Hoje foram demitidas.

— Demitidas? Meu Deus!

— As visitas fatigam-na demais.

— Oh! Não! Como é possível?

— Várias Irmãs estão indignadas com a demissão das noviças e a ordem de Madre Inês, e também pensam em nos deixar.

— Quem são?

— Irmãs Rosa, Jacinta, Amália e Teresa.

— Poderia chamá-las para mim? É mister que compreendam...

— Poderei fazê-lo, porém, parece-me que já estão decididas.

Ir. Gabriela chama as Irmãs e as quatro entram no quarto.

— Madre Francisca, não agüentamos mais. Não fique triste conosco, mas iremos partir.

— Esta não é a linguagem da fidelidade, do amor. Tenham fé. Mais cedo do que vocês pensam, Deus reconduzirá nossa comunidade ao caminho reto. Eu o presinto. Tenham paciência.

— Cada passo nosso, cada movimento tem que ser controlado, prescrito. A mínima transgressão merece duras penitências. Esta não é a vida religiosa que nos ensinou baseada no amor e na liberdade.

— Eu lhes suplico, não dilacerem o meu coração com tal decisão. Caminhemos na esperança de um novo dia... que não tardará.

Todas choram. Longo silêncio.

Me. Francisca pergunta mais uma vez:

— É certo que não voltarão atrás?

— Não temos forças. Deus nos compreenderá e a senhora também.

— Então... podem ir. Deus esteja sempre com vocês.

Me. Francisca sente, como Cristo no alto do Calvário, o abandono da Cruz:

— Meu Deus, meu Deus! Por que me abandonastes?... Quando tudo isto terminará?... Se Me. Inês tivesse paciência de esperar minha morte, que não tardará, tudo poderia acontecer de outra maneira.

As Irmãs a amavam; disto Me. Francisca tinha certeza e a rigidez e pressa da nova Superiora tornou tudo mais difícil. Me. Francisca não tinha esperança de poder

estabelecer a união da Comunidade. Percebeu que após sua morte, as Irmãs que se conservassem fiéis à sua memória ficariam numa oposição irreductível em face de Me. Inês.

Entrementes, a Igreja seria levada a dispersar esta família. Seria o fim desta obra tão bela, tão florescente, tão útil à Igreja: isto Me. Francisca não podia admitir.

“Para congregar na unidade os filhos de Deus dispersos”

Março de 1851.

Me. Francisca está só em seu quarto. Levanta-se, dá alguns passos, fala consigo mesma:

“Meu Deus, não haverá paz enquanto pensarem em mim... Estou sendo a causa de tanta discórdia... Nunca desejei isto... Mas, agora... como impedir tanta desunião?... Meu Deus... enquanto pensarem em mim... Mas, será possível?... Podereis exigir de mim tal coisa?... Não haverá outro meio?... Senhor, é desumano! Não posso!... Afasta de mim esse cálice... Um dia, disse que seria capaz de dar pela minha Congregação mais que a própria vida. Foi tão fácil naquele dia... Mas, agora... Senhor, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, aqui estou. Faça-se a Vossa Vontade. Senhor, vinde em meu auxílio!”.

Resoluta, toca a campainha. Ir. Gabriela entra.

— Irmã Gabriela, por favor, peça à Reverenda Madre que venha aqui um instante. Preciso falar-lhe.

Instantes depois chega Ir. Benedita:

— Madre Inês não pode vir no momento. O que deseja?

— Irmã Benedita, abandonarei o Instituto; voltarei à minha família.

— Pelo amor de Deus, Madre Francisca. Como pode fazer isso? A senhora, nossa Fundadora? Tornar-se uma apóstata?

— A resolução está tomada. Comunique-a à Reverenda Madre. As Irmãs haverão de se espantar, terão medo da própria vocação, mas só assim se unirão à Madre Inês. A mim, restará a ignomínia, o desprezo. Serei esquecida, considerada apóstata. Não importa. A minha Congregação viverá.

Ir. Benedita deixa o quarto da doente.

Novamente a sós, como discípula fiel de Francisco, ergue os olhos para o crucifixo e, numa prece ardente, mais com o coração que com os lábios, suplica (Acompanhemos, reverentes, Me. Francisca em sua última oração, antes de deixar, para salvá-lo, o Instituto que fundara.):

Senhor, fazei de mim um instrumento
de vossa paz!

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé.

Onde houver desespero, que eu leve
a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz!

Ó Mestre, fazei que eu procure mais
consolar que ser consolado,

compreender que ser compreendido,
amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Não apóstata, mas heroína

Me. Francisca voltou à sua família, passando a morar em casa de seu irmão Heriberto.

Antes de deixar o Instituto, fez doação da casa de Neuthorgasse, que lhe pertencia, à Comunidade da qual aparentemente se separava. E já em casa do irmão, pede-lhe que continue a administrar os bens temporais da Congregação e defender seus interesses econômicos, o que ele o fez até o fim de sua vida.

A cronista da época que nos relata estes acontecimentos e que não era considerada admiradora de Me. Francisca, mas convicta admiradora de Me. Inês, escreve:

“Me. Francisca estava convencida de que o único meio de restabelecer a união na Comunidade era sua saída. Sentia ser a causa do conflito, ainda que involuntariamente, e não podia suportar o pensamento de que a Congregação, desunida, se dissolvesse”.

Tudo isso vem-nos provar que, verdadeiramente, Me. Francisca não foi uma apóstata, mas uma heroína. Sabia que a estima e admiração que as Irmãs tinham por ela seriam destruídas com sua saída. Mas sabia, outrossim, que caída no esquecimento, abolida do coração de suas filhas, não mais seria a pedra de tropeço, a causa da oposição. Por isso, embora sofrendo muito, estava tranqüila.

Uma alegria logrou ainda ter em vida: antes de sua morte, soube que seu sacrifício já produzia frutos. E isto foi para ela de grande consolo.

“Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”

28 de maio de 1851. Manhã de primavera em terras austríacas. Os campos estão floridos, o perfume das flores penetra pelas janelas; os pássaros dão seus trinos matinais, um raio de sol penetra por uma janela entre-aberta. No leito, Me. Francisca agoniza. A tuberculose a consumia. Presente que voltará à casa do Pai. Seu irmão está junto dela, acompanhando-a em seus derradeiros momentos.

Um último olhar para o crucifixo e uma última prece, entrecortada de lágrimas e emoções:

— Pai, é chegada a hora... Terminei a missão que me confiastes... Manifestei o vosso nome àquelas que me destes... É por elas que eu rogo... Para que todas estejam unidas... Guardai-as no vosso amor... Agora vou para junto de Vós... Nada mais possuo... Só Vós viveis em mim e eu em Vós. Senhor, aqui estou... Recebei meu espírito...

O silêncio invadiu aquele recinto. O sol se escondeu, os pássaros silenciaram. Somente as flores continuaram a exalar seu perfume mais intensamente.

E... silenciosamente, Me. Francisca cerra os olhos; de suas faces, uma paz infinita transparece.

Lá do alto, o Senhor acolhe aquela que tudo lhe doara: sua vida, suas faculdades de educadora e fundadora, sua obra e sua honra.

Me. Francisca contava então 43 anos.

“Mais uma vez se cumpre a profecia de Gamaliel”

1943. Quase cem anos são passados depois destes acontecimentos.

Estamos em terras brasileiras, na risonha e simpática cidade de Piracicaba, a “Noiva da Colina”, cidade que por primeiro acolheu em nossa pátria as Irmãs das Escolas, hoje Franciscanas da Imaculada Conceição. É noite. A lua majestosa lança seus clarões prateados sobre o rio que murmura, jorrando suas águas em cascatas cristalinas. As estrelas brilham e o Cruzeiro do Sul traz sinais de fé e esperança. A brisa suave, perpassando por entre as folhas das árvores, convida para a meditação.

Nessa noite cheia de poesia, um grupo de jovens reunidas em torno de algumas religiosas, há pouca distância do rio, conversam, lembrando um passado que já faz parte de sua história:

— Este é o ano do centenário de nossa fundação. Ao festejá-lo, daremos um destaque especial à Madre Francisca, nossa Fundadora.

— Ainda em vida ela dissera: “Um dia, Deus haverá de mostrar o verdadeiro caminho”.

— E hoje, mais do que quando vivia, podemos dela dizer: “O Senhor a escolheu e enviou”.

— Sim, porque seus ideais hoje sobrevivem em todos os continentes, entre povos das mais diversas raças e culturas.

— Áustria, Itália, Suíça, França, Iugoslávia, Tchechoslováquia, China, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Costa do Marfim, Austrália, Brasil são alguns dos países onde o ideal de Madre Francisca se implantou

através de seu próprio Instituto ou por outros orientados seja por ela seja por outros membros da Congregação.

— Quais louros triguais em flor, sua semente se espalhou e germina intensamente pelos campos que a luz da graça invade.

— E qual foi a mola propulsora que tornou o tipo de vida religiosa, proposto por Madre Francisca, tão atraente?

— Acima de tudo, para ela, estava o *amor*. O amor a impelia a sempre maior união com Deus. Deste amor e dessa união nasceu sua predileção pela oração mental. Foi o amor a Deus que a impulsionou a doar todas as suas energias à juventude. Foi o amor que a levou a abraçar a Ordem Terceira de São Francisco e a fez, à sua imitação, assumir alegremente a pobreza voluntária. Foi o amor que a fez compreender, desde logo, que ela e sua obra deveriam estar sempre prontas a tudo o que a Igreja precisasse.

— E onde estava centrada a pedagogia de Madre Francisca que sempre deu tão bons resultados?

— Nesse mesmo amor que nos une a Deus e em Deus com todos os homens. Lembrem-se do que ela dizia?: “É mister que nos tornemos, nas mãos de Deus, instrumentos humildes e pequenos, para que Ele realize por nós seu plano de amor”.

— E as reformas apresentadas por Madre Inês não levaram a Congregação a um outro estilo de vida religiosa?

— Não, porque tais reformas não foram aceitas pela Santa Sé que já havia aprovado nossos Estatutos em 1843. D. Zweger, terceiro sucessor de D. Zängerle,

tem o mérito de haver reconduzido o Instituto ao seu espírito primitivo. Graças a ele, em 1.º de setembro de 1881, a Congregação recebia seus Estatutos na sua forma primordial.

— E não houve nenhuma alteração importante?

— Apenas foram introduzidos os votos perpétuos, a recitação do Ofício em comum e o nome de Maria para as Irmãs professoras. Na essência, nada mudou.

— E é assim, queridos jovens, que hoje Madre Francisca ressurgue em toda a Congregação e podemos recolher, na intensa evocação de sua longa ausência de cem anos, a melodia harmoniosa de seu silêncio, o encontro festivo de seu espírito, latente em cada página de nossa história.

— E com a mesma coragem humilde com que Madre Francisca Lampel abriu, no seu tempo, caminhos novos, a Congregação procurará seus rumos para o futuro nos dias de hoje.

— Todos estes fatos comprovam-nos, uma vez mais, que a obra de Madre Francisca é uma obra de Deus. Tal não fosse, não teria subsistido, como já o profetizara, ao tempo dos apóstolos, Gamaliel.

O grupo de jovens se dispersa. Já tinham condições de começar a preparar a festa do Centenário da Congregação.

Uma das religiosas, olhando o céu repleto de estrelas, disse de si para si: “Tão numerosa quanto as estrelas do céu, será a tua descendência”.

E minutos depois, diante da imagem da Virgem, aquele grupo de religiosas entoava com grande piedade o hino de Maria, que tão bem cabia naquele instante:

“A minh’alma engrandece o Senhor
e exulta meu espírito em Deus, meu Salvador;
porque olhou para a humildade de sua serva,
doravante as gerações hão de chamar-me
de bendita.

O Poderoso fez em mim maravilhas,
e Santo é o seu nome!

Seu amor para sempre se estende
sobre aqueles que o temem;
manifesta o poder de seu braço,
dispersa os soberbos;
derruba os poderosos de seus tronos
e eleva os humildes;
sacia de bens os famintos,
despede os ricos sem nada.

Acolhe Israel, seu servidor,
fiel ao seu amor,
como havia prometido a nossos pais,
em favor de Abraão e de seus filhos para
sempre”.

“Doação e Serviço”

Você acaba de conhecer a vida de alguém cujo lema foi — Doação e Serviço e soube adaptar a obra que fundou às necessidades de seu tempo.

Se Me. Francisca vivesse hoje certamente estaria aberta às diretrizes do Vaticano II, de Medellin, de Puebla e convidaria *você* e eu para juntos lutarmos em favor de nossos irmãos necessitados e, de mãos dadas, trabalharmos por um mundo novo que está no coração de cada homem.

Lembrar-nos-ia que, no silêncio da noite, na brisa que passa, na voz dos que sofrem, na nossa oração, não deixássemos de ouvir a voz do Senhor que nos diz sem cessar: Venham e me ajudem a fazer germinar entre os homens a semente do amor, da compreensão, da fraternidade.

E neste ano, recordando a Campanha da Fraternidade, como Cristo diante da multidão faminta do alimento do corpo e do alimento da alma, ela nos diria:

“Dai-lhes vós mesmos de comer” (Lc 9,12-13).

Cidade de Maria (Barretos) — janeiro de 1985.



FRANCISCANAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO - FIC

Casa Provincial São José

Av. Prudente de Moraes, 659 - Cx Postal: 463
CEP: 14801-970 (14801-170) - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-6300
E-MAIL: vocacoes_fic@terra.com.br
SITE: <http://www.irmasfranciscanas-fic.com.br>

EXTERNATO SANTA TEREZINHA

Av. Barroso, 760 - Cx. Postal 463
CEP - 14.801- 970 (14801-160) - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-7341 - FAX – (16) 3303-1582
E-MAIL: geral@externatoescola.com.br
SITE: <http://www.externatoescola.com.br>

FIC - Comunidade Madre Joana Batista

Rua 30, nº 950
CEP - 14780-120 - Barretos - SP
FONE: (17) 3322-5947

FIC - Comunidade Madre Sieglinde (Coleginho)

Av. Barroso, 732 - Cx. Postal 463
CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-7340

FIC - Comunidade Madre Júlia

Rua 7 de Fevereiro, 1299 - Vila Amêndola
CEP - 15801-160 - Catanduva - SP
FONE: (17) 3522-7962 - E-mail: ficdamamju@terra.com.br

ASPIRANTADO SANTA CLARA

Av. Barroso, 622 - Cx. Postal 463
CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3335-9892

FIC - Comunidade Irmã Clara Fietz

Rua Porto Ferreira, 466 - Jardim Cruzado
CEP - 14815-000 - Ibaté - SP
FONE: (16) 3353-7124 (Residência) - (16) 3353-7414 (Igreja)

LAR NOSSA SENHORA DAS MÊRCES

Rua: Voluntários da Pátria, 2154
CX POSTAL: 463 - CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3336-7337
E-MAIL: seprosic-seprosic@ig.com.br

LAR SANTANA

Rua: Conselheiro Dantas, 984 - Vila Tibério
CEP - 14050-400 - Ribeirão Preto - SP
FONE E FAX: (16) 3625-0598
E-MAIL: larsantana@terra.com.br

LAR SANTA TEREZINHA

Av. Senador Montandon, 735 - Cx. Postal 30
CEP- 38180-970 - Araxá - MG
FONES: (34) 3661-2328/ 3661-1895 FAX: (34) 3662-3073
E-MAIL: seprolar@terra.com.br

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES

Rua Aureliano Lessa, 127 - Água Rasa
CEP - 03342-010 - São Paulo - SP
FONES: (11) 2605-6511/ 6605-6411 PABX- (11) 2607-6234
FAX: (11) 2605-6598/ 2605-6604
E-MAIL: cnsl@cnsl.g12.br
SITE: <http://www.cnsl.g12.br>

COLÉGIO MADRE FRANCISCA LAMPEL

Rua São Pedro, 125 - Cx. Postal, 35
CEP - 89110-970 - Gaspar - SC
FONE E FAX: (47) 3332-0935
E-MAIL: lampel@lampel.com.br
SITE: <http://www.lampel.com.br>

INSTITUTO BARONEZA DE REZENDE

Av. Barão de Serra Negra, 375 - Vila Rezende

CEP - 13405-121 - Piracicaba - SP

FONE: (19) 3421-3373/3421-2411

FAX: (19) 3421-2885

E-MAIL: ibr@ibr-online.com.br

SITE: <http://www.ibr-online.com.br>

